

O Castro de Curalha

4.^a campanha de escavações — 1977

POR

P.^e Adolfo Magalhães, Dr. Adérito Medeiros Freitas
e Prof. J. R. dos Santos Júnior

O programa de trabalhos no Castro de Curalha, em 1977, tinha sido delineado do modo seguinte.

Em virtude de o colaborador nas escavações na Curalha, Dr. Adérito Medeiros Freitas se encontrar ocupado com o Curso de Actualização de Professores de Biologia e Físico-Químicas do Ensino Secundário, uma curta campanha de escavações com a sua colaboração foi realizada na última semana de Julho.

Combinara-se que os trabalhos prosseguiriam em Agosto, sob minha orientação, coadjuvado pelo companheiro Padre Adolfo Magalhães.

Infelizmente, em 21 de Julho um tombo desastrado provocou a fractura do grande trocanter da perna direita, de que fui operado e estive em inactividade forçada até 15 de Setembro.

Em acordo com o Sr. P.^e Adolfo Magalhães combinou-se reiniciar os trabalhos na Curalha em Outubro, para aproveitar, nos dias 7 e 8, a colaboração de estudantes do Liceu de Chaves que habitualmente têm ajudado nas escavações dos anos anteriores.

Por pouca sorte os dias de mau tempo, chuva e ventania e a falta de pessoal auxiliar para recompor as muralhas do castro com as pedras delas caídas, foram circunstâncias que,

após 4 dias de tentativas infrutíferas, nos obrigaram a desistir do prosseguimento dos trabalhos naquela data.

Depois, em Novembro, consegui na Curalha 10 trabalhadores, e pudemos prosseguir os trabalhos nos dias 12 a 16.

Desafrontou-se a porta do lado norte das muitas pedras e terra que o obstruía, e deu-se um avanço ao restauro das muralhas. No denso matagal de carvalho e outros arbustos e ervagem abriram-se clareiras que puseram a descoberto uma fiada de casas rectangulares, que, em próxima campanha, devem ser parcialmente reconstituídas com as pedras delas derruídas e que as tapavam.

Passemos a indicar o que se conseguiu fazer.

A primeira jornada de Julho, foi, como disse, orientado pelo Sr. Dr. Adérito Medeiros Freitas.

A segunda jornada em Outubro que havia sido projectada com a colaboração de um grupo de estudantes do Liceu de Chaves e um ou dois pedreiros e pessoal jornaleiro auxiliar, resultou, como já disse, em pura perda.

2.^a jornada

Segui para Chaves no dia 6 de Outubro, quinta-feira.

Na tarde desse dia combinou-se que o jipe da Câmara Municipal, que o seu Presidente Sr. Eng.º Manuel Branco Teixeira gentilmente pôs à nossa disposição, para de manhã nos levar à Curalha, e nos ir buscar ao fim da tarde:

Na manhã seguinte madruguei, e pouco depois das 7 horas e meia estava pronto a partir. Dia cinzento e a ameaçar chuva.

Pelas 8 horas apareceram alguns estudantes e pouco depois o jipe. Por pouca sorte começou a chover o que nos fez hesitar na partida. A chuva começou a apertar, puxada por forte ventania. Tivemos que desistir. Foi bem porque choveu quase todo o dia. Ao fim da tarde o tempo clareou, o que nos animou a preparar a ida para o dia seguinte.

No dia 8 de manhã, quando me levantei pelas 6 horas, parecia que íamos ter um dia escorrido. Cheguei a aprontar-me para irmos até à Curalha. Infelizmente o negrume do céu a ameaçar chuva, que não tardou a cair em grossas bâtegas, fez-nos desistir. Foi mais um dia perdido.

Ficava a hipótese de em alguns dias da semana seguinte trabalharmos com um ou dois pedreiros e seus ajudantes.

Na segunda-feira, dia 10, com o Sr. P.^e Adolfo Magalhães a orientar-me na ida a casa dos pedreiros residentes em Chaves, andamos no meu automóvel em busca dos mesmos.

Um deles estava ausente por falecimento de pessoa de família e demoraria 2 ou 3 dias a regressar. Um outro estava com uma obra entre mãos que contava acabar dentro 3 ou 4 dias.

Ainda tentei junto do grande empreiteiro flaviense Sr. Moreira ver se conseguia pedreiro e ajudante. Todos os seus pedreiros estavam ocupados em obras que não podia suspender. Além de que, a geira de cada pedreiro seria de 800\$00 por dia!

Insucessos atrás de insucessos levaram-me a desistir e regressei ao Porto no dia 11 de Outubro, desolado pelos dias ingloriamente perdidos.

3.^a jornada

Planeara-se trabalhar alguns dias na Curalha aproveitando o bom tempo do chamado verão de S. Martinho. Uma das tarefas que se impunha era repor nas muralhas as pedras delas caídas, por isso era necessário arranjar pedreiro ou pelo menos trabalhadores que fossem capazes de fazerem, sofrivelmente, de pedreiros.

O Sr. Dr. Mário Carneiro, médico distinto e Director do Balneário das Termas de Chaves, que tem acompanhado com grande interesse as escavações no castro da Curalha, telefonou-me anunciando que havia possibilidade de conseguir pedreiros: um capataz, 3 pedreiros e 3 ajudantes. Era caso para se dizer que nunca há fome que não traga fartura. Simplesmente o preço das geiras posto pelo capataz, a quem o Dr. Mário

Carneiro passou o telefone e me falou directamente, eram os seguintes: o capataz 700\$00 por dia; cada pedreiro 500\$00 e cada ajudante 300\$00.

Consegui felizmente resolver a coisa por outro lado, e arranjei na Curalha as 10 pessoas, que constam da conta das despesas feitas, a ganharem 300\$00 por dia.

Trabalhos feitos na jornada de Novembro de 1977

Durante os três dias que trabalhámos procurou-se esclarecer a abertura no lado norte da muralha, de que se via apenas, e mal, um dos lados ou ombreiras. Tudo estava tão coberto pelos escombros de tanta pedra, que se afigurava tratar-se de uma passagem estreita, pelo que na publicação *Castro de Curalha — 1.ª campanha de escavações, 1974*, por P.º Adolfo Augusto Magalhães, Francisco Gonçalves Carneiro e Adérito Medeiros Freitas, foi considerada um postigo, como se diz na pág. 11 desse trabalho.

Porta do lado norte

Grande montão de pedras em continuação de crista esbarrolhada da muralha encobria aquela porta.

Retirada a pedra daqueles escombros surgiu o lado leste do corredor de entrada, ou seja a ombreira, com 4 m de comprimento que tanto é a espessura ou largura da muralha. Ainda se encontrou a parte inferior daquela ombreira, que no cunhal do lado de fora tinha 83 cm de altura e do lado de dentro, ou seja da face interna da muralha, 42 cm.

O chão do corredor era formado por terra negra e grandes pedras de granito que devem ter pertencido à ombreira do lado poente, e com elas foi em parte reconstruída (Ests. I e II, Figs. 2 e 3).

Da ombreira do lado poente apenas restavam duas pedras a formarem o cunhal da face interna da muralha.

Retiradas as grandes pedras e a terra negra do chão da porta apareceu a superfície plana de rochedo de granito em rampa ascendente formando uma espécie de soleira, em que assenta a base da muralha.

Reconstruíram-se os lados do corredor ou ombreiras da porta até cerca de 2 metros de altura, mas que terão de ser levados até à altura do esboralhado da crista da muralha.

A face externa da muralha do lado de fora da porta e sobretudo ao correr do lado poente foi destruída até ao rés da terra onde se via o alinhamento das pedras do alicerce o que permitiu o refazimento do pano de muralha numa extensão de 15,20 m e numa altura de 1,50 a 2 m.

Ainda do lado externo e acima da porta, isto é, para leste, a muralha foi alteada num comprimento de 17,50 m, e numa altura em média de 60 a 80 cm.

Face interna da muralha

Também acima e abaixo daquela porta foi posta a descoberto o alinhamento da face interna da muralha tapada por grande quantidade de pedras e alguma terra; especialmente para o lado leste foi grande a quantidade de entulho a remover.

Retirada a terra e as pedras ficou uma espécie de caminho de um metro a metro e meio de largura com 26 metros de comprimento.

Ficou a descoberto a base da face interna da muralha com alturas que vão de 40 a 50 cm até quase 1 m.

A 16 m do cunhal leste da porta, e nesta face interna da muralha, deparou-se com uma rampa de acesso à muralha, rampa destruída quase até à base.

A rampa tem 70 cm de largura, segue ao lado da face da muralha, e, depois, faz ligeira curvatura para se incorporar na muralha.

A rampa foi parcialmente reconstruída com as pedras caídas ao lado, muito possivelmente, dela teriam feito parte.

A face interna da muralha a poente do cunhal da porta estava bastante arruinada, um pouco desaprumada, pelo que necessita de ser alinhada e subida com as muitas pedras que estavam caídas junto dela, e que houve que remover.

Nesta face interna e a 4 m do cunhal da porta foi posta a descoberto uma parede a entestar na muralha que deve corresponder a uma casa rectangular.

Abertura de caminho a meio do castro

O recinto muralhado é um matagal especialmente de carvalhiço, que tantas vezes recortado, forma, com alguns arbustos à mistura, um matagal pouco alto mas denso, onde com dificuldade se passa.

Como é natural, àquela porta do norte devia seguir-se um caminho ou amplo carreiro para o meio do castro.

Mandei abrir um carreiro cortando o mato e arrancando os carvalhos de fortes e densos raizeiros que custam a arrancar, e que se entrometeram por muitas pedras soltas, que se vêm em muitos sítios.

Na abertura do carreiro a 25 m da porta apareceu um resto de paredes, com 55 cm de largura, formadas por duas fiadas de pedras pequenas, uma interna e outra externa, num arranjo típico, tantas vezes observado nas casas castrejas. No topo dessa parede levantava-se ao alto uma pedra com 43 cm de altura e 64 de largura, que parece ser um resto de cunhal. É, sem dúvida, parede de casa rectangular.

Foi-se continuando no arranque do monte e seguindo o alinhamento de paredes numa extensão de 15 m ao lado de dois montões de pedra. Aquelas paredes parece pertencerem a duas casas rectangulares pegadas, que uma paredinha de 55 cm de largura, e no comprimento de 2,95 m, se considera parede de meação.

Ao lado de cima da última destas casas apareceu uma paredinha ligeiramente ascendente, isto é, subindo o pendor

da encosta. A parte que se pôde pôr a descoberto tem 23 m de comprimento. É possível que continue, o que se procurará averiguar em próxima campanha de trabalhos a fazer em 1978.

Pedras fincadas

Como foi dito nos trabalhos publicados, um sobre a primeira campanha de escavações e outro sobre a 2.^a e 3.^a campanhas, do lado nordeste há, algo dispersas, algumas pedras espetadas a prumo, que devem constituir restos do ouriçado de pedras que defendiam o acesso ao castro pelo lado mais acessível.

É lamentável que recentemente alguém tenha arrancado algumas daquelas pedras, e precisamente de um grupo dos melhor conservados.

ESPÓLIO

Embora não tivéssemos crivado terra, pois limitámo-nos a remover as pedras e terra que tapavam a porta do lado norte e as bases da muralha, face interna, a um e ao outro lado da porta apareceram algumas coisas de relativo interesse arqueológico.

Cerâmica

Especialmente no descobrimento da face interna da muralha a leste da porta norte, apareceu bastante cerâmica grosseira, pedaços de tijoleira, bastantes fragmentos de telha de rebordo, e alguns bocados de cerâmica de pasta mais fina em bordos de vasos relativamente pequenos. Junto da rampa de acesso referida apareceram muitos pedaços de tégulas, de tijoleira e de ladrilho.

Um pedaço de tijoleira com 21×16 cm e espessura de 4,5 cm; mais pedaços de tijoleira: um triangular com $18,5 \times 9 \times 2,6$, outro de contorno irregular com $10,5 \times 11,5 \times 2,6$, outro quase circular com $15 \times 13,2 \times 4,4$ e ainda outros, todos pequenos, com espessuras de 2 a 4 cm.

Telha de rebordo (tégula)

Foram apanhados vários pedaços de telha de rebordo, quase todos pequenos, com comprimentos entre 10 a 20 cm e de pastas diferentes na cor e na textura. Assim alguns pedaços eram de cor vermelha intensa, outros vermelho rosada; alguns de pasta branca com camada superficial cor de rosa; outros de pasta grosseira granosa com muitos grãos de quartzo.

Afiadores de pedra

Apareceram duas pedras que se nos afiguram terem servido de afiadores a ajuizar pelo polido que numa e noutra se observam.

Uma das pedras é oblonga com um ligeiro desgaste em suavidade côncava e polida (Est. VII, Fig. 13-a).

A outra é pedra negra subrectangular com uma das faces bem lisa, e tão polida que à incidência da luz mostra reflexos de brilho metálico, o que faz crer que tenha servido para afiar lâmina cortante (Est. VII, Fig. 13-e).

Metal

Junto da face interna da muralha acima da porta do lado norte apareceu um pedacinho de chapa de bronze, delgada e triangular com o lado maior de 45 mm de comprimento. Está patinada de cor castanho-escuro. Só se vê verdete nos bordos. Não compreendo aquela patine castanho-escura. Recente?

Encontrei à superfície um fio de bronze com 1,5 a 2 mm de diâmetro na parte média, adelgaçando para as extremidades que terminam em pontas finas de agulha: está dobrado da maneira que se vê na fotografia (Est. VII, Fig. 13). Está muito oxidado com verdete:

Qual seria o significado desta peça?

Sinceramente direi que não sei atribuir-lho.

Cerâmica de pastas mais finas

Deixei para o fim algumas considerações sobre fragmentos cerâmicos de pastas mais finas entre os quais 5 porções de bordos, um pedacinho de um fundo e um pequeno fragmento ornamentado com singelo sulco rectilíneo (Est. VII, Fig. 13 *h*), com o comprimento de 26 mm, largura de 30 mm, e espessura de 4 mm; é de cor castanho-clara com pequenas palhetas de mica branca (moscovite).

O fragmento *b* da mesma Fig. 13 é de cor castanha de pasta grosseira com alguns grãos de quartzo e pequenas palhetas de mica branca.

O bordo *d* da mesma fotografia n.º 13 é de barro castanho-claro amarelado, com $8 \times 8 \text{ cm} \times 3,5 \text{ cm}$; a espessura da pança do vaso de 1 cm. A asa, a que pertence o fragmento *b* da fotografia 13 e foi colado depois de tirada a fotografia, ficou com o comprimento de 6 cm, e tem a largura de 4 cm; tanto na face superior como na inferior tem a meio um pequeno saliente que a reforça. Pelo grau de curvatura do bordo, aquele fragmento devia ter feito parte de boca com cerca de 7 a 8 cm de diâmetro interno. Pelo diâmetro referido e pela natureza e espessura da pança, que é de 1 cm, deve ter pertencido a um vaso alto.

Encontrou-se uma porção de bordo de cor muito escura, quase preta, com $5,5 \text{ cm} \times 2 \text{ cm}$ e espessura de 4 mm. Tem depressão em sulco em meia cana a seguir ao bordo. Pela curvatura que apresenta deve ter pertencido a um vaso de boca de grande diâmetro, talvez dos seus 9 ou 10 cm.

Achou-se um outro pequeno bordo de barro vermelho, de pasta fina, bem cosida, com 7 cm \times 3,5 cm e a espessura de apenas 3 mm. Pelo seu pequeno grau de curvatura deve ter pertencido a peça de grande boca, talvez, pelo menos, de 20 cm de diâmetro. Será, possivelmente, porção de bordo de um prato. Tem a particularidade de apresentar asa em pestana, com acentuada curvatura, que reforça as condições do pegadoiro.

Outro bordo, também pequeno, é de barro um tanto grosseiro, de cor castanha com 6,5 cm \times 3,5 cm e espessura, no bordo de 1,5 cm e na barriga ou pança do vaso apenas 4 mm. Pelo acentuado grau de curvatura devia ter pertencido a um vaso de boca pequena com uns 6 cm de diâmetro.

Outro fragmento é de barro um tanto grosseiro, de cor muito escura, quase negra com 5,5 cm \times 4 cm e espessura de 7 mm. Pelo grau de curvatura que apresenta, quando inteiro o seu diâmetro deve ter sido de 9,5 a 10 cm, o que corresponde a um fundo de panela.

Outro fragmento é de cor castanho-clara com 6,8 cm \times 4,5 cm e espessura de 18 mm. O barro é grosseiro com alguns grãos de quartzo.

Pelo seu pequeno grau de curvatura pouco acentuada, pode interpretar-se como porção do bojo ou pança de um grande vaso.

O espólio da campanha de Novembro de 1977, que acabamos de descrever sucintamente, não corresponde a crivagem da terra, mas apenas àquilo que na remoção das pedras amontoadas ao correr da muralha a leste da porta do lado norte, foi incidentalmente aparecendo.

É de crer que na crivagem dessa terra a fazer em nova campanha de trabalho, apareçam algumas peças de interesse arqueológico.

Em face da escassez do espólio apenas acentuaremos o achado de muitos pedaços de tégulas o que testemunha um grau de acentuada romanização do Castro da Curalha.

A desobstrução da porta do lado norte, com 1,48 m de largura confere ao castro a circunstância, que suponho rara, de possuir três portas.

A descoberta a meio do castro de pelo menos três casas rectangulares, que o matagal escondia, obrigam a, numa próxima campanha de trabalho, as isolar com precisão, escavar o seu interior crivando cuidadosamente toda a terra que for remexida.

Há que prosseguir no corte do monte, para isolar os amontoados de pedras que devem corresponder a outras tantas casas.

O refazimento das muralhas com as pedras que lhes tapam as bases e delas foram caídas, é também uma tarefa que se impõe, não só pela valorização do castro mas igualmente pela necessidade do arrumo da pedraria miuda no enchimento da muralha que se for alteando.

Os acessos às três portas do castro terão de ser descobertos e cuidadosamente estudados.

Será grande a tarefa que há que levar de vencida para a justa valorização daquele castro da Curalha.

Fotografias do Prof. Santos Júnior



Fig. 1 — Porta do lado norte como a encontrei no início da campanha de Novembro de 1977.



Fig. 2 — Algumas das grandes pedras que obstruíam a passagem da porta do lado norte.



Fig. 3 — Grande pedra que obstruía a porta do lado norte e a que foi preciso o esforço de três homens para a revolcar.



Fig. 4 — Aspecto da face interna da muralha para nascente da porta do lado norte.



Fig. 5 — Amontoados de pedras que devem corresponder a construções derruídas. No último plano, à direita vê-se parte do pinheiro manso do topo do castro.



Fig. 6 — Parte do amontoado de pedras que vem em direcção à porta do lado sul.



Fig. 7 — Amontoados de pedras postas a descoberto pelo corte e arranque do monte.



Fig. 8 — Um dos amontoados de pedras ? ? ? ? ? o alinhamento da parede que esta fotografia mostra.



Fig. 9 — Parte do recinto muralhado em perfeito matagal. Vê-se a linha da muralha do lado poente.



Fig. 10 — Reconstrução da muralha com as pedras dela caídas. Troço a poente da porta norte do castro.



Fig. 11 — Grupo de pedras fincadas na comeeira do monte na zona de acesso à porta do lado nascente.



Fig. 12 — Outro grupo de pedras fincadas. As duas do primeiro plano tombadas de fresco.

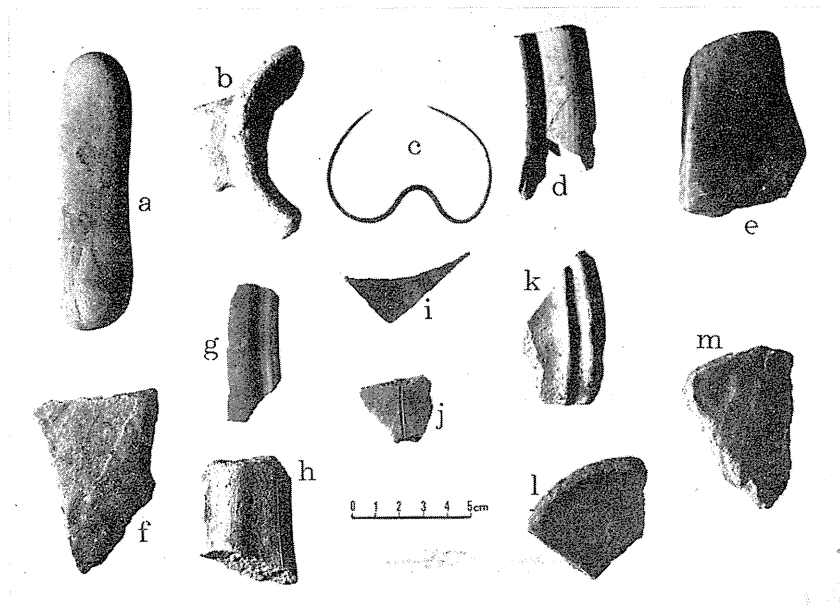


Fig. 13 — Parte do escasso espólio da campanha de 1977: *c* e *i* peças de metal, possivelmente bronze.